

FACULDADE SABERES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

RONALD GUIMARÃES DOS SANTOS

A REPRESENTAÇÃO DA QUEDA DO SEGUNDO TEMPLO NA
VISÃO DOS JUDEUS: UM ESTUDO A PARTIR DA *HISTÓRIA DOS*
HEBREUS, DE FLÁVIO JOSEFO

VITÓRIA

2016

RONALD GUIMARÃES DOS SANTOS

A REPRESENTAÇÃO DA QUEDA DO SEGUNDO TEMPLO NA
VISÃO DOS JUDEUS: UM ESTUDO A PARTIR DA *HISTÓRIA DOS*
HEBREUS, DE FLÁVIO JOSEFO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
em História da Faculdade Saberes, como requisito
obrigatório para a obtenção do certificado

Orientadora: Prof.^a Dr. Caroline da Silva Soares.

VITÓRIA

2016

FACULDADE SABERES
RONALD GUIMARÃES DOS SANTOS

A REPRESENTAÇÃO DA QUEDA DO SEGUNDO TEMPLO NA
VISÃO DOS JUDEUS: UM ESTUDO A PARTIR DA *HISTÓRIA DOS*
HEBREUS, DE FLÁVIO JOSEFO

NOTA OBTIDA = _____ (_____)

Monografia apresentada a Faculdade Saberes como
requisito para a obtenção da Licenciatura em História.

Aprovada em ____ de _____ 2016

Prof.^a Dr.: Carolline da Silva Soares

Prof.^o Me. Jorge Vinicius Monteiro Vianna

Coordenador do Curso de História

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu agradeço a Deus que me deu força, paciência, determinação e sabedoria para a elaboração dessa pesquisa. Agradeço em especial minha família e a atenção da minha mãe Jucilene Guimarães, irmã Adryana Kluadia Guimarães dos Santos e pai Noel dos Santos, pelo apoio e incentivo, pois sem as palavras de encorajamento eu não teria conseguido chegar até aqui.

Agradeço especialmente a minha namorada Alethia Angelo Malacarne, por ter revisado meus textos, pesquisado juntamente comigo, sendo meu braço direito. Foi ela quem não me deixou desistir nas horas difíceis, se tornando uma das peças fundamentais para a conclusão dessa pesquisa. Essa vitória também é dela.

A Prof.^a Dr. Carolline da Silva Soares por ter participado da minha formação, por ter sido muito atenciosa e sempre disponível para dúvidas, pelos incentivos, paciência, encorajamento e apontamentos. Sem dúvida, foi de suma importância pra a elaboração dessa pesquisa.

Aos Professores e amigos Me. Leonardo Grão Velloso Damato Oliveira, Ma. Ludmila Noeme Santos Portela, Ma. Hariadne da Penha Soares Bocayuva e Ma. Alessandra André Chiminazzo, que mesmo após terem deixado de ministrar aulas na Faculdade Saberes, mas que nas aulas que presenciei, foram de grande aprendizado.

E por fim aos meus amigos da Faculdade Saberes, tanto os do curso de História quanto os de Letras que lutaram e venceram juntamente comigo, ao meu grande amigo e incentivador Prof.^o Vereador Vinícius Simões, aos amigos que foram até a Faculdade prestigiar a apresentação dessa pesquisa, e ao Gilberto Maia de Brito por me fornecer a Fonte Primária para a elaboração desse trabalho.

Um soldado, então, sem para isso ter recebido ordem alguma, e sem temer cometer um horrível sacrilégio, mas, como levado por inspiração divina, fez-se levantar por um companheiro e atirou pela janela de ouro um pedaço de madeira aceso no lugar pelo qual se ia aos edifícios, ao redor do Templo do lado do norte. O fogo ateou-se imediatamente; em tão grande desgraça, os judeus lançavam gritos espantosos. Corriam procurando apagá-lo e nada mais os obrigava a poupar suas vidas, quando viam desaparecer diante de seus olhos aquele Templo que os levava a poupá-las pelo desejo de conservá-lo.

(JOSEFO, Flávio, *Guerra dos Judeus* VI, 26, 466)

RESUMO

Essa pesquisa utiliza como fonte primária os escritos do judeu/romano Flávio Josefo que relatam os acontecimentos que levaram a destruição da cidade de Jerusalém e a queda do Segundo Templo.

Para fazer análise deste contexto histórico dos judeus, foi utilizado como biografia instrumental *Nova História Cultural* que tem o objetivo de identificar como em diversos lugares e momentos determinadas realidades sociais são construídas, pensadas e entendidas. Roger Chartier é um dos principais pesquisadores dessa área e desenvolveu o conceito de *representações*, que tem como objetivo mostrar uma realidade que foi construída através de uma região de um determinado grupo. A partir disso, será usado esse conceito com o intuito de analisar as relações de dominado e dominante, entre judeus e romanos.

O principal símbolo da religião judaica no primeiro século era o Templo de Zorobabel ou Templo de Herodes I, que segundo a religião judaica, ligava o povo com o próprio Deus (YHWH). A representação da destruição do Segundo Templo de Jerusalém configurou-se como a imposição do poderio romano e a deslegitimação de YHWH. A conquista da Judéia e a destruição do Templo pelos romanos foram vista pelos judeus como uma grande humilhação e o abandono de YHWH, de acordo com Flávio Josefo.

Partindo do princípio de que a dominação romana sobre os povos da região da Judéia não foi somente por expansão territorial, essencial para um melhor crescimento socioeconômico do império, é correto afirmar que houve uma forte influência política e cultural dos romanos na tomada de decisão para a invasão a Jerusalém e a apropriação do Templo. Será mencionar também as consequências representativas desse conflito no momento da invasão.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo I: Os judeus e o Templo.....	12
Quem são os judeus do primeiro século	13
Descrição do Templo	20
Jesus e o Templo.....	25
Capítulo II: A Destruição do Segundo Templo	27
Dominação de Roma sobre a Judéia.....	28
Os generais romanos e a história de Flávio Josefo	34
Descrição de como sucedeu a destruição	39
Conclusão	47
Bibliografia.....	49

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar os motivos sociopolíticos e religiosos da dominação dos romanos sobre o território da Judéia, para compreender o porquê da destruição do Segundo Templo judeu. Para isso, se faz necessário a análise do contexto histórico através do relato de um judeu e sua representação.

O judeu relator dessa história foi Flávio Josefo, que se tornou um cidadão romano após sua rendição perante o General (e posteriormente imperador) Flávio Vespasiano. Josefo conta toda a história dos judeus que está ligada diretamente a YHWH, o Deus pai e criador, tanto deles quanto mais tardiamente dos Cristãos.

O povo de Israel, antecessor do povo judeu, desde a perseguição pelos egípcios, em 1250 a.C., peregrinaram pelo deserto do Oriente e foram ordenados por YHWH a construir um tabernáculo móvel (santuário) que seria o símbolo da presença divina acompanhando-os em sua trajetória até a terra prometida de acordo com o livro de Êxodo.

Depois de peregrinar pelo deserto o povo hebreu se tornou uma nação e Jerusalém a sua capital, o tabernáculo móvel deu lugar a um suntuoso templo construído do lado oriental da cidade de Jerusalém por ordem do rei Salomão. Não é possível saber, em termos arqueológicos, como seria esse Primeiro Templo, mas as descrições do historiador Flávio Josefo, fonte primária desse estudo, relatam alguns detalhes deste edifício.

O Primeiro Templo dos judeus foi destruído pelos babilônios por ordem de seu rei Nabucodonosor em 586 a.C., conforme descrito no livro de Daniel. Alguns objetos de valor do templo (feitos de cobre, bronze, prata e ouro) foram saqueados e levados à Babilônia, menos a arca da aliança que já havia sido escondida pelos hebreus antes da invasão à Jerusalém. Esta arca pertencia aos hebreus desde a peregrinação pelo deserto. Ela guardava as tábuas dos Dez Mandamentos, que foram dadas por Deus ao povo de Israel enquanto peregrinavam pelo deserto. Outros objetos sagrados também teriam sido guardados dentro dessa arca (Êxodo 25:10-22, 37:1-9).

Após passarem 70 anos cativos em Babilônia, os judeus foram libertados pelos persas que invadiram a cidade, dando oportunidade dos ex-cativos voltarem à sua antiga cidade, reconstruírem Jerusalém e um Segundo Templo. Este Segundo Templo recebeu o nome de Templo de Zorobabel, pois esse era o nome do orientador dos trabalhos dessa construção em 515 a.C.. Muito tempo depois, em 63 a.C. a fase de dominação romana sobre os judeus foi iniciada pela conquista de Pompeu, quando a Judéia torna-se um “estado-cliente de Roma” (JHONSON, 1995 In: SOARES, 2015, p. 45).

Herodes I, também conhecido por Herodes o grande, foi proclamado o “rei dos judeus” através da recomendação de Marco Antônio e Otaviano, imperadores de Roma. Além disso, ele recebeu reforço militar autorizado pelo senado romano para controlar a resistência dos seus súditos e chegar ao poder (BORGER, 1999, p.186; HORSLEY, 2004, p.37-38).

A construção adicional do Segundo Templo teve início no ano 20 a.C., por isso, mais tarde também ficou conhecido como Templo de Herodes (*Antiguidades Judaicas*, XV, 1, 391-402). Havia desentendimento entre o rei e as autoridades judaicas daquele tempo, porém mesmo assim, ele anunciou o seu intento de começar as construções.

Nesse mesmo livro (*Antiguidades Judaicas*) é possível ver no capítulo XV que Herodes I utilizou para o transporte das pedras do Templo, mil carroças e 10 mil operários dos mais experientes que havia. E ainda, mil sacerdotes foram treinados marceneiros e construtores, pois somente os levitas podiam trabalhar na construção do Templo. As pedras foram fixadas no local com o uso de rampas e guindastes da época, que eram içados por cordas, tração animal e muita força humana. Em seu entusiasmo político, Herodes I afirmou que terminaria o Templo rapidamente (realmente o edifício de culto foi erguido em 18 meses), mas o resto das construções externas que só foram concluídas 67 anos depois de sua morte.

O intuito de Herodes I, ao realizar essas obras, era conquistar a afinidade da população geral, porém o povo não o compreendia, pois ele acabava sempre se pondo em situações problemáticas. Como exemplo pode-

se citar a enorme águia romana colocada sobre os portões do templo causando grande ofensa aos seus súditos (BORGER, 1999, p.189).

Após a morte de Herodes I, seu filho, Arquelau, assumiu a Judéia, mas acabou sendo deposto e exilado na Gália. Essa região então passou a ser administrada por Roma por intermédio de procuradores que durou até a procuradoria de Pôncio Pilatos em 26 d.C.. Com a demissão de Pilatos em 36 d.C., o neto de Herodes I, Agripa, em Roma, foi declarado rei da Judéia pelo imperador Cláudio, e assim permaneceu até a sua suspeita morte. Agripa II, seu descendente, foi impedido de exercer qualquer atividade real o que ocasionou na sucessão de procuradores corruptos que levou a um declínio econômico nas duas décadas seguintes. (BORGER, 1999, p.192; PANNERY, 1968, p. 95-96).

Houve vários conflitos entre judeus pró-romanos e terroristas anti-romanos que só foram cessados com tropas enviadas por Nero sob o comando do general Vespasiano, que saiu do norte com seu exército e avançou sobre a Galiléia. Nesse percurso lutou contra forças judaicas que estavam sob o comando de Josef ben Matatiau. Depois de dois meses resistindo, Josef, desertou e se rendeu aos romanos e mais tarde recebeu cidadania romana e adotou o nome de Flávio Josefo. Posteriormente, na primavera de 68 d.C. o general Vespasiano chegou a Jerusalém pronto para invadi-la quando foi surpreendido pela notícia que o Imperador Nero havia se suicidado e que quem o sucederia fora assassinado. Vespasiano, então, assume o Império Romano e deixa seu filho, Tito, encarregado de ficar no seu lugar e chefiar o exército em Jerusalém. (PANNERY, 1968, p. 96-97)

No interior da cidade havia conflitos civis entre os judeus. Essa rixa fez com que o povo judeu destruísse as propriedades uns dos outros, causando assim uma desunião e o enfraquecimento dos mesmos. Esse foi um dos fatores que contribuiu fortemente para a queda de Jerusalém e a destruição do Segundo Templo. Ao mesmo tempo, Jerusalém estava sendo cercada pelos exércitos de Tito, que após muitos ataques, contra-ataques e sangrentos combates contra os judeus, conseguiram destruir os muros e invadir a cidade. (BORGER, 1999, p. 124-125).

Enquanto os revoltosos judeus se refugiaram no Templo, Tito reúne um conselho para tratar se o mesmo seria ou não destruído. Foram varias as opiniões para incendiá-lo porem Tito se opõe, pois queria conservá-lo para fins do Império. Após muitas batalhas sangrentas travadas entre judeus e soldados romanos, Tito ordena alguns soldados a apagarem o fogo dos escombros em volta do Templo, quando são surpreendidos por um grupo de revoltosos que os ataca. Em defesa, os romanos contra atacaram os abrigando a fugir para o Templo.

O historiador romano Tácito, que possivelmente conheceu o templo pessoalmente, descreveu em sua obra, *Histórias*, sobre a destruição do Templo no ano 70 d.C. e lamentou a destruição de um edifício tão belo e cheio de enormes riquezas. O mesmo calculou que 600 mil pessoas morreram no conflito (*Histórias*, V, 1-13).

O templo judeu foi reduzido a escombros e cinzas, e nunca mais foi reerguido até os dias de hoje, por conta disso, Jerusalém teve uma lenta e gradual perda da autonomia dos judeus em seu próprio solo ancestral. O processo de desagregação do povo judeu, neste território, na medida em que o domínio romano crescia sobre esta mesma sociedade, aumentava a rejeição desse povo. De acordo com os relatos de Flávio Josefo e também os textos bíblicos, houve 33 anos que os judeus presenciaram o controle cada vez mais rígido de Roma sobre a Judéia (*Guerra dos Judeus*, VI, 26, 468).

O objetivo deste trabalho é compreender as representações da destruição do Segundo Templo judeu pelos romanos, e quais foram os impactos e consequências desse conflito. Também será pesquisado o ambiente de hostilidade que havia na Judéia no ano 70 do primeiro século d.C., tendo como ápice a guerra judaica romana, iniciada nesse mesmo ano.

Para fazer analise deste contexto, faremos o uso da biografia instrumental derivada da Nova História Cultural cujo objetivo é identificar como em diversos lugares e momentos determinadas realidades sociais são construídas, pensadas e entendidas. Roger Chartier é um dos principais pesquisadores dessa área e desenvolveu o conceito de *representações*, que objetiva mostrar uma realidade que foi construída através de uma região de um

determinado grupo. A partir disso, faremos uso desse conceito com o intuito de analisar as relações de dominado e dominante, entre judeus e romanos.

Partindo do princípio de que a dominação romana sobre os povos da região da Judéia não foi somente por expansão territorial, essencial para um melhor crescimento socioeconômico do império, é correto afirmar que houve uma forte influência política e cultural dos romanos na tomada de decisão para a invasão a Jerusalém e a apropriação do Templo. É preciso mencionar também as consequências representativas desse conflito no momento da invasão. Para tal, serão trabalhados os seguintes objetivos específicos:

- Analisar a importância do Segundo Templo para os judeus;
- Analisar a sociedade judaica e a relação com os romanos;
- Discutir a resistência judaica face ao domínio romano;
- Analisar a posição de Tito e dos soldados romanos na destruição do Templo;
- Compreender os motivos que levaram os romanos a destruir o Templo dos judeus.

CAPÍTULO I

OS JUDEUS E O TEMPLO

QUEM SÃO OS JUDEUS DO PRIMEIRO SÉCULO

Neste capítulo serão contextualizados os judeus do primeiro século habitantes das regiões da Galileia, Samária e Judéia, e suas relações entre as diferentes posições políticas, religiosas e econômicas. Além de trabalhar também a questão de influências culturais ao povo judeu e suas relações com suas próprias autoridades monárquicas e a disputa de território com outros povos de outras nações.

A origem do povo judeu é relatada através da Bíblia, porém a utilizada nesse trabalho é a Bíblia de Jerusalém, pois contem maior fidelidade dos fatos e é aprovada pela academia como base para pesquisa. Os grandes patriarcas do judaísmo são mencionados em sua maioria no livro de Genesis, que também é utilizado nos relatos de Flávio Josefo no primeiro capítulo de sua obra intitulada *Antiguidades Judaicas*.

A ligação da história dos judeus com YHWH (Deus) se estende durante todo o seu passado. Sentindo necessidade da presença de YHWH habitando entre eles, foi uma exigência de Ele a construção de uma morada terrena entre seu povo. Essa ordem foi dada a Moisés quando ele foi pela segunda vez ao monte Sinai para conversar com Deus. Na volta ele trouxe a notícia para o povo:

Ele voltou, por fim, depois de quarenta dias, sem ter sido alimentado por comida humana durante todo esse tempo. A presença dele encheu o povo de alegria. Moisés falou-lhes do cuidado que Deus continuava a ter para com eles e informou-os que Ele havia ordenado, no que se refere à maneira como deviam agir para viver em perfeita felicidade, que construíssem um tabernáculo, ao qual Ele desceria algumas vezes. Eles deveriam levá-lo consigo, a fim de não serem mais obrigados a consultar a Deus no monte Sinai, porque quando Ele estivesse no Tabernáculo receberia ali os votos do povo e ali lhes escutaria as orações. Moisés ensinou-os, segundo o que o próprio Deus lhe havia manifestado, como Ele queria

que se construísse o Tabernáculo, que era como um Templo portátil, e exortou-os a não perderem tempo em construí-lo. Apresentou-lhes em seguida duas tábuas, nas quais Deus havia gravado com as próprias mãos os Dez Mandamentos de que acima falamos, estando cinco em cada tábua. (*Antiguidades Judaicas* III, 4, 114)

O Oriente Médio, principalmente a região habitada pelos judeus, sempre foi alvo de diferentes dominadores ao longo da história. Às vezes por motivos econômicos, outras por motivos políticos ou apenas estratégicos. Foram dominadores da região os assírios em 733 a.C., os babilônios em 588 a.C., os persas em 539 a.C., os Ptolomeus em 323 a.C. e os selêucidas em 198 a.C.. Em alguns desses casos citados, a dominação era específica do povo e em outras do território geográfico em si. Mas nada se compara às consequências da dominação romana e às grandes resistências desencadeadas contra ela (ROCHA, 2004, p 239).

Após se estabelecerem na terra prometida por YHWH, o povo de Israel construiu sua cidade, por muitas vezes invadida. A nação ali estabelecida clamou para que houvesse um líder monárquico guiando o povo tanto nas batalhas, quanto nos quesitos religiosos. YHWH aceitou a clemência, desde que esse rei não fosse uma divindade como em outros povos, mas tivesse sua importância sagrada, pois sempre seria escolhido por Deus. A monarquia deu início com Saul em 1046 a.C. até 1006 a.C., depois em 1003 a.C. com Davi que governou até 971 a.C. e seu filho Salomão reinou de 966 a.C. até 926 a.C.. Salomão foi o responsável pela construção do Primeiro Templo por ordem de YHWH (*Antiguidades Judaicas* VIII).

Os alicerces do Templo foram feitos muito profundos. E, para que pudesse resistir a todas as inclemências do tempo e sustentar sem balançar a grande mole a ser construída por cima deles, as pedras com que o encheram eram tão grandes que o trabalho não era menos digno de admiração que os soberbos ornamentos e os maravilhosos enfeites aos quais

serviriam de base. Todas as pedras que nele se empregaram, desde os alicerces até a cobertura, eram muito brancas. (*Antiguidades Judaicas* VIII, 2, 327)

Após a morte do Rei Salomão seu filho Roboão assumiu o governo das tribos de Israel, porém uma disputa pela coroa havia se iniciado juntamente com Jeroboão, filho de um general do exercito real. Essa disputa teve como base a insatisfação do povo com a governança abusiva da parte de Roboão, pois de acordo com os textos bíblicos que também servem de base para Josefo, o filho de Salomão aplicou taxas e trabalhos abusivos para suprir a mesa do rei e a corte (1 Reis 12).

Essa cisão do povo de Israel e dos judeus enfraqueceu as defesas do reino, fazendo assim acontecer conflitos não somente entre si, mas também com outros povos que acabaram invadindo e destruindo os dois reinos. Em 586 a.C. O rei de Babilônia, Nabucodonosor, destruir a cidade de Jerusalém e ordenou que seu General Nebuzaradã incendiasse Templo.

Nabucodonosor, depois da vitória, enviou Nebuzaradã, general de seu exército, a Jerusalém, com ordem de incendiar o Templo após retirar de lá tudo o que encontrasse e de também reduzir a cinzas o palácio real e de destruir a cidade por completo. Deveria trazer depois todos os seus habitantes como escravos para Babilônia. Assim, no décimo oitavo ano do reinado desse príncipe, que era o décimo primeiro do reinado de Zedequias, no primeiro dia do quinto mês, esse general, para executar tal ordem, despojou o Templo de tudo o que lá encontrou: levou todos os vasos de ouro e de prata, o grande vaso de cobre chamado mar, que Salomão mandara fazer, as duas colunas de bronze, as mesas e os candelabros de ouro. Em seguida, incendiou o Templo e o palácio real e destruiu completamente a cidade. Isso aconteceu quatrocentos e setenta anos, seis meses e dez dias desde a construção do Templo, mil seiscentos e dois anos, seis meses e dez dias desde a saída do Egito e mil novecentos e cinqüenta anos, seis

meses e dez dias desde o dilúvio. (*Antiguidades Judaicas* X, 11, 425)

Depois de 70 anos cativos em Babilônia, os judeus foram libertos graças ao rei da Pérsia Ciro “O Grande”, que lhes devolveu o território onde habitavam antes de serem raptados por Nabucodonosor.

[...] Nós permitimos a todos os judeus que moram em nosso território e que quiserem voltar ao seu país que para lá se retirem com toda liberdade e reconstruam a cidade de Jerusalém e o Templo de Deus. Enviamos Zorobabel, seu príncipe, e Mitredate, nosso tesoureiro-mor, para que lhe lancem os alicerces e o elevem à altura de sessenta côvados, com a mesma largura, e três ordens de pedras polidas e uma da madeira que existe naquela província. Queremos também que lá se erga um altar para se oferecerem sacrifícios a Deus e entendemos que todas as despesas sejam feitas por nossa conta. (*Antiguidades Judaicas* XI, 1, 436)

O período da história judaica na civilização helenística começa em 332 a.C., quando Alexandre, o Grande conquistou a Pérsia. Chegado a região da Judéia todo são surpreendidos por uma sena inusitada:

Quando se soube que ele já estava perto, o sumo sacerdote, acompanhado pelos outros sacerdotes e por todo o povo, foi ao seu encontro com essa pompa tão santa e tão diferente da de outras nações até o lugar denominado Safa, que em grego significa “mirante”, porque de lá se pode ver a cidade de Jerusalém e o Templo. Os fenícios e os caldeus que integravam o exército de Alexandre não duvidavam de ele, na cólera em que se achava contra os judeus, lhes permitiria saquear Jerusalém e daria um castigo exemplar ao sumo sacerdote.

Mas aconteceu justamente o contrário, pois o soberano, apenas viu aquela grande multidão de homens

vestidos de branco e os sacerdotes revestidos com os seus paramentos de linho e o sumo sacerdote com o seu éfode de cor azul adornado de ouro e com a tiara sobre a cabeça, que continha uma lâmina de ouro sobre a qual estava escrito o nome de Deus, aproximou-se sozinho dele, adorou aquele augusto nome e saudou o sumo sacerdote, ao qual ninguém ainda havia saudado. Então os judeus reuniram-se em redor de Alexandre e elevaram a voz para desejar-lhe toda sorte de felicidade e de prosperidade. Porém os reis da Síria e os grandes que o acompanhavam ficaram tão espantados que julgaram que ele havia perdido o juízo.

Parmênio, que desfrutava grande prestígio, perguntou-lhe como ele, que era adorado em todo mundo, adorava o sumo sacerdote dos judeus. Respondeu Alexandre: "Não é a ele, ao sumo sacerdote, que adoro, mas ao Deus de quem ele é o ministro, pois quando eu estava ainda na Macedônia e imaginava como poderia conquistar a Ásia, ele me apareceu em sonhos com essas mesmas vestes e exortou-me a nada temer. Disse-me que passasse corajosamente o estreito do Helesponto e garantiu que Deus estaria à frente de meu exército e me faria conquistar o império dos persas. Eis por que, jamais tendo visto antes alguém revestido de trajes semelhantes a esses com que ele me apareceu em sonho, não posso duvidar de que tenha sido por ordem de Deus que empreendi esta guerra, e assim vencerei Dario, destruirei o império dos persas, e todas as coisas suceder-me-ão segundo os meus desejos". (*Antiguidades Judaicas* XI, 8, 452)

Depois da morte em de Alexandre o Grande 323 a.C., seu império foi dividido entre seus generais. Primeiramente a Judéia foi governada pelos egípcio-helênicos Ptolomeus, mas em 198, os sírio-helênicos Império Selêucida, sob Antíoco III tomou o controle sobre a Judéia. Os judeus quase certamente falavam aramaico entre si. O grego era pelo menos um tanto utilizada como língua dos negócios na região, e certamente em todo o Mediterrâneo oriental. O Judaísmo mudava rapidamente, reagindo e se adaptando a um mundo político, cultural e intelectual em constante

crescimento, e em contra-partida ganhando também a atenção de não-judeus (*Antiguidades Judaicas* XII).

Em 37 a.C. Herodes I, filho de Antípatro, foi nomeado o rei da Judéia por Marco Antonio e Augusto, através da aprovação do senado romano:

A compaixão que Antônio sentiu da infelicidade a que a inconstância da sorte - que sente prazer em perseguir os homens mais ilustres - reduzira Herodes, a lembrança da maneira gentil com que Antípatro, seu pai, o havia recebido em casa, a consideração do dinheiro que ele lhe prometia se o fizesse rei, tal como já o fizera tetrarca, e principalmente o ódio contra Antígono, que ele considerava faccioso e inimigo declarado dos romanos, fizeram-no decidir-se por ajudá-lo com todas as suas posses. Augusto fez o mesmo, tanto em consideração à amizade particular que César tivera por Antípatro, por causa do auxílio dele recebido na guerra do Egito, quanto pelo desejo de obsequiar Antônio, a quem via abraçar com tanto ardor os interesses de Herodes. Assim, reuniram o Senado.

Messala e Atratino introduziram Herodes, elogiaram grandemente os serviços que seu pai e ele haviam prestado ao povo romano, lembrando que Antígono, ao contrário, não somente era um inimigo declarado, tal como o provavam as suas ações precedentes, como também demonstrara total desprezo pelos romanos ao receber a coroa das mãos dos partos. Essas palavras incitaram o senado contra Antígono, e Antônio acrescentou que na guerra que se travaria contra os partos seria, sem dúvida, muito vantajoso constituir Herodes rei da Judéia. Todos aceitaram a proposta, e o favor que Herodes ficou devendo a Antônio foi tanto maior quanto era inesperada aquela extraordinária graça, pois os de família romanos não costumavam outorgar coroas senão a real. (*Antiguidades Judaicas* XIV, 26, 612)

O reinado de Herodes não foi visto com bons olhos pelos judeus, principalmente por causa dos nomes que ele dava a suas grandes construções

como o Herodion e a Cidade de Cesárea. Essa cidade marítima tinha características romanas como anfiteatro e hipódromo. Na tentativa de agradar os judeus e amenizar a tensão, Herodes I decidiu ampliar e embelezar o Segundo Templo. Flávio Josefo preservou em um dos seus escritos o discurso de Herodes I ao povo na ocasião de seu projeto. Este texto provavelmente foi copiado dos arquivos reais. Assim disse Herodes I à multidão que o ouvia:

Nossos ancestrais, de fato, quando regressaram da Babilônia, construíram esse templo para o Deus Todo Poderoso. Mas faltam-lhe em altura 60 côvados para atingir as dimensões que tinham o primeiro templo que foi construído por Salomão. De modo que o templo construído por Salomão excedia ao que agora vemos. Mas não vamos condenar nossos pais por sua negligência ou requerer deles maior piedade do que tiveram. Não foi sua culpa o fato do templo não ficar tão alto como deveria. [...] mas agora, eu, rei de todos vocês segundo a vontade de Deus, tendo tido muita paz e ganho muitas riquezas [...] tenho também boas relações com os romanos [...] de modo que corrigirei esta imperfeição. [...] será um agradecimento a Deus por ter me dado o seu reino, eu reerguerei este templo e o farei tão completo quanto me for possível. (*Antiguidades Judaicas* V, 1, 382-387)

Nesse subcapítulo foi possível perceber que sempre houve relação entre o povo e YHWH mesmo sofrendo fortes influências dos outros povos que dominavam a região. É preciso também analisar a relação dos judeus com o Templo e a importância do mesmo na história desse povo, estando sempre presente, aparecendo até mesmo como protagonista da história em alguns momentos.

DESCRIÇÃO DO TEMPLO

A seguir serão expostos todos os detalhes da construção do Segundo Templo. Existem três documentos que contêm descrições do templo de Herodes I que são de autores judeus, dois deles vindo do historiador Flávio Josefo (*Guerra dos Judeus* e *Antiguidades Judaicas*) e um terceiro, mais tardio, mencionado nos tratados de *Middot* que faz parte da *Mishná*, a mais antiga codificação de leis rabínicas produzidas por volta do século II d.C. Esses relatos se diferenciam somente em detalhes, mas de modo geral, se assemelham. Há relatos também de povos helenizados e de romanos como o historiador Tácito.

Herodes I dobrou o tamanho da área do templo, ampliando as laterais do monte *Mōriyāh* (Moriá) com grandes muralhas de pedra e nivelando uma área no topo do monte. A *Mishná* (*Middot* 2:1) diz que o monte do Templo era um quadrado de 500 côvados (223 m) na lateral. Na beirada da área havia colonatas, que na arquitetura clássica, é uma longa sequência de colunas ligadas em entablamentos, que frequentemente constituem um elemento autônomo. O templo estava com suas portas viradas para o leste, ou o lado do oriente, como os relatos judeus costumam descrever. Ao longo deste lado havia a colonata de Salomão, que consistia em três fileiras de colunas de mármore. Foi ali que, em dada ocasião, no inverno, alguns judeus se aproximaram de Jesus perguntando se ele era o *Mashíach* (Messias) no livro de João 10:22-24. Ao norte e ao oeste (ou lado do ocidente) também havia colonatas, pequenas se comparadas a Colunata Real ao sul, que consistia em quatro fileiras de colunas ornadas do estilo coríntio, 162 ao todo, formando três corredores entre elas. A circunferência das colunas era tão grande que exigia três homens de braços estendidos para abraçar uma delas, e elas eram muito mais elevadas do que as outras colonatas (*Guerras dos Judeus*, I, 21, 1; *Antiguidades Judaicas*, XV, 11, 3).

Havia oito portões que davam para a área do templo: quatro do lado oeste, e um de cada lado, ao leste e ao norte. Na parte sul existia escadarias

uma com a porta tripla e outra com porta dupla. Nessas escadarias eram realizados debates e procedimentos legais, Jesus de Nazaré certamente discursou nesse lugar. Por causa desses portões, o primeiro pátio, o dos gentios, também servia como passagem, sendo que os viajantes preferiam passar por ele em vez de dar uma volta no templo (*Guerras dos Judeus*, I, 22, 1). As colunas cercavam a grande área chamada de Pátio dos Gentios, assim chamada porque era permitido que os gentios entrassem nele. Foi dali que Jesus, em duas ocasiões, uma delas mais para o início e a outra no fim de seu ministério, expulsou aqueles que tinham feito da casa de seu Pai uma casa de comércio (Mateus 24).

Havia diversos pátios pelos quais se passava quando ia em direção ao prédio central, o próprio santuário. Cada pátio tinha sua importância e também maior grau de santidade. Passando pelo Pátio dos Gentios, a pessoa encontrava um muro de três côvados (1,30 m) de altura, com aberturas para passagem. O conflito que o apóstolo Paulo se envolveu no templo aconteceu porque os judeus espalharam o boato de que ele havia levado um gentio para dentro dessa área proibida. Essa divisória é trazida à lembrança, embora Paulo usasse o termo “muro” em sentido simbólico, na descrição bíblica que Jesus *Khrístós* (Cristo) “destruiu o muro” que separava o judeu do gentio (Efésios 2:14; Atos 21:20-32).

O templo originalmente teria o recinto fechado e de forma retangular com os lados de comprimento irregular. O maior muro era do lado oriental com a extensão de sua muralha perto dos 1060 côvados (485 m), os muros norte e ocidental mediam respectivamente 689 côvados (315 m) e 1060 côvados (485 m) de comprimento, e o muro sul, o menor de todos, media 623 côvados (285 m) de extensão (*Guerra dos Judeus* V, 13, 393).

O interior do templo era dividido basicamente em dois compartimentos, o Santo e o Santíssimo. O piso do prédio se situava a 12 degraus acima do Pátio dos Sacerdotes. Como no Primeiro Templo, o erguido por Salomão, foram construídas galerias nas laterais do prédio e havia uma câmara superior. A entrada era fechada por portas de ouro, cada qual de 55 côvados (24,5 m) de

altura e 16 côvados (7,1 m) de largura. A parte frontal do prédio era mais larga do que a de trás, e continha rebordos como asas, orlas ou bordas viradas para fora, que se estendiam por 20 côvados (8,9 m) de cada lado. Já em seu recinto existia o lugar Santo, onde somente os sacerdotes podiam entrar. Seu interior tinha 40 côvados (17,8 m) de comprimento e 20 côvados de largura. Lá havia o candelabro, a mesa dos pães da proposição e o altar do incenso, todos de ouro. A outra parte interior do prédio era chamada de Santíssimo, onde apenas os sumo sacerdotes podiam ter acesso uma vez por ano. Ali eram oferecidos perante YHWH (Deus), todos os sacrifícios e ofertas que o povo trazia para o Templo. Este compartimento tinha 20 côvados de comprimento e 20 de largura (9,1 m) (*Guerra dos Judeus* VI, 4, 5-7; VII, 3, 4). A entrada desse local era uma grossa cortina, ou véu, lindamente ornamentado. Segundo a crença cristã, após a morte de Jesus, esta cortina se rasgou em duas partes, de alto a baixo, expondo o Santíssimo não contendo a arca do pacto, ou da aliança. Em lugar da arca havia uma laje de pedra em que o sumo sacerdote aspergia o sangue no dia da expiação (Mateus 27:5; Hebreus 6:19; 10:20).

O pátio das mulheres se achava a 14 degraus acima. As mulheres podiam entrar ali para praticar a adorar YHWH. Entre outras coisas, o pátio das mulheres continha cofres do tesouro, perto de um dos quais Jesus se encontrava quando elogiou a viúva por ter dado tudo o que possuía (Lucas 21:1-4). Quinze grandes degraus semicirculares conduziam ao pátio de Israel, que era permitido o acesso dos homens que estivessem cerimonialmente limpos. Junto à parede externa deste pátio havia câmaras de armazenagem. A seguir vinha o Pátio dos Sacerdotes, que correspondia ao pátio do tabernáculo. Nele havia o altar, feito de pedras não lavradas (polidas). De acordo com a *Mishná*, era um quadrado de 32 côvados (14,2 m²) nas laterais e em sua base. (*Middot* 3:1) Josefo dá uma medida maior. (*Guerra dos Judeus*, V, 5, 6) Os sacerdotes chegavam ao altar através de uma espécie de rampa. Usava-se também uma “bacia” para limpar as mãos, segundo a *Mishná* (*Middot* 3:6).

No muro norte da explanada do Templo, voltada para o ocidente, estava a Fortaleza Antônio. Ela havia sido construída por Herodes I, em cima de uma rocha de 50 côvados de altura (22,8 m), tornando inacessível de todos

os lados. Segundo Josefo, a fortaleza “ostentava magnificência”, e também um ponto muito importante que era ligado, através de galerias, ao Templo. Antes mesmo da invasão propriamente dita, a Fortaleza era onde se instalavam os romanos que vigiavam os judeus religiosos que visitavam o Templo (Guerra dos Judeus V, 15, 398).

No muro ocidental existiam os Arcos de Robinson e de Wilson, que também serviam de passarela para o pátio do templo. O Arco de Robinson era utilizado pelos judeus mais ricos, pois a passarela que estava por cima do mesmo se encontrava bem próximo ao bairro conhecido como Cidade Alta, local de moradia desse grupo mais elitizado. O nome da estrutura é derivado do estudioso bíblico Edward Robinson devido à sua descoberta em 1838. A princípio Robinson pensava que ele havia identificado a borda oriental de uma ponte que ligava o Templo, com a cidade alta, que se estendia para oeste. Foi durante escavações de Benjamin Mazar entre 1968 e 1977, ele descobriu que a estrutura era, na verdade, o suporte de um único arco monumental. Esta estrutura, 15,2 metros de comprimento e 3,6 metros de largura, foi preservada em uma altura de 5 metros. Em suas quatro pequenas cavidades, usadas possivelmente como lojas com as portas de frente para a rua. As escavações de Mazar revelaram que a estrutura era a parede de um edifício oriental monumental que foi interpretado como os dos escritos mencionados por Josefo. A existência destes arcos sugere um vão monumental de escadas que levavam ao Templo. Inúmeros degraus de pedra também foram encontrados, muitos ainda grudados. Entre 1994 e 1996 novas escavações foram feitas nas imediações do arco, conduzido por Ronny Reich e Yaacov Biling. Nestas campanhas um monte de escombros produzidos pelo colapso do arco foram descobertos, incluindo dois lances de escadas com pedras com acabamento arredondado. Alguns deles permanecem ainda visíveis no local onde foram encontrados, no atual Parque Arqueológico de Jerusalém (THOMPSON, 1995, p 336-339).

Já o arco de Wilson foi identificado em 1864 pelo explorador e topógrafo Charles William Wilson. Ele se juntou à Ordnance Survey em Jerusalém em 1864, continuando a participar do projeto de levantamento da antiga cidade.

Esse projeto arquitetônico antigo foi criado para melhorar o sistema de água da cidade de Jerusalém. Quando o arco é nomeado de Wilson, surge uma afirmação de que um médico suíço chamado Titus Tobler, já havia descoberto e identificado a estrutura como parte da ligação entre o monte do Templo e da Cidade Alta, em seus escritos em 1845 e 1846. O arco de Wilson foi nomeado assim porque seu descobridor foi o único que divulgou o achado (THOMPSON, 1995, p 339-343).

JESUS E O TEMPLO

Nascido durante o governo de Herodes I, por volta do ano 4 a.C., Yeshua de Nazaré (popularmente conhecido como Jesus, e em grego Iesous), era um judeu com fortes influências do judaísmo farisaico que fazia parte do modelo social do Essênios (BORGER, 1999, p. 199).

De acordo com o evangelho de Lucas, José e Maria, pais de Jesus de Nazaré, o levaram ao templo quando ele ainda era um bebê, para ser apresentado aos sacerdotes e receber as bênçãos de Deus. Do lado de fora do pátio do templo, próximo os arcos Robinson e de Wilson localizados no lado oriental da cidade, existiam lojas do século I onde eram vendidos utensílios, animais para serem apresentados como oferta no templo, além de serem efetuadas trocas de moedas. Os vendilhões (comerciantes) que Jesus de Nazaré expulsou do pátio do templo, eram uma extensão do comércio que já acontecia do lado de fora do Templo (Mateus 24).

No século I a.C. esse mesmo templo foi ampliado e embelezado por Herodes I, por isso também ficou conhecido como templo de Herodes. Jesus de Nazaré conheceu pessoalmente esse templo, e vários episódios relatados no novo testamento bíblico tiveram ali seus princípios. Os exemplos são inúmeros como a famosa expulsão dos vendilhões protagonizada por Jesus de Nazaré ou então a cura do paralítico feita por Pedro e João, discípulos de Jesus (Mateus 24; Atos 3).

Os discípulos de Jesus de Nazaré certa vez estavam maravilhados pela suntuosidade do tamanho das pedras do templo de Jerusalém. Com o tamanho exagerado das pedras sem nenhuma marca de corte ou liga, é possível perceber o porquê do espanto desses homens. Essas pedras são chamadas de herodianas, ou seja, construídas por Herodes o grande, e de forma espetacular, pois não tinham a tecnologia avançada para transporte que nosso tempo nos oferece hoje. Então Jesus fez algo que os seguidores da religião cristã interpretam como uma profecia. No ano 70 algo semelhante a essa profecia de Jesus de Nazaré aconteceu, a destruição da cidade de Jerusalém e do segundo templo (Mateus 24).

Ha um trecho no livro Antiquidades Judaicas de Josefo, Yeshua é mencionado como “homem sábio” e relata que houve a possibilidade de ter ressuscitado.

Nesse mesmo tempo, apareceu JESUS, que era um homem sábio, se é que podemos considerá-lo simplesmente um homem, tão admiráveis eram as suas obras. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos na verdade e foi seguido não somente por muito judeus, mas também por muitos gentios. Ele era o CRISTO. Os mais ilustres dentre os de nossa nação acusaram-no perante Pilatos, e este ordenou que o crucificassem. Os que o haviam amado durante a sua vida não o abandonaram depois da morte. Ele lhes apareceu ressuscitado e vivo no terceiro dia, como os santos profetas haviam predito, dizendo também que ele faria muitos outros milagres. É dele que os cristãos, os quais vemos ainda hoje, tiraram o seu nome. (*Antiquidades Judaicas* XVIII, 04, 772)

Yeshua era visto com maus olhos tanto pelos judeus quanto pelos romanos. Para os judeus mais devotos, eram em sua maioria fariseus e tinham o nazareno como um profano das tradições. Já para os romanos ele era um revolucionário político e uma ameaça para a administração romana do império.

CAPÍTULO II

A DESTRUIÇÃO DO SEGUNDO TEMPLO

DOMINAÇÃO DE ROMA SOBRE A JUDÉIA

O domínio romano sobre as regiões da Judéia iniciou-se por volta de 62 a.C., após a anexação da Síria por Pompeu. Seguindo a prática de utilizar lideranças locais para governar os territórios dominados, os romanos nomeiam Herodes, um idumeu, rei da Judéia, que ficaria no trono entre 37 a.C. e 4 d.C. (ROCHA, 2004, p 244).

A dominação dos romanos sobre a região da Galileia, Sumária e Judéia está presente antes mesmo do governo de Herodes o Grande, porém ela se intensificou com sua morte. O sucessor do governo foi Arquelau, filho de Herodes I, assumindo a Judéia sempre ao governo geral do Oriente para poder conter revoltas populares (BORGER, 1999, p. 192, 206-208).

Ptolomeu, guarda do selo de Herodes, mandou depois reunir todos os soldados no anfiteatro, onde o povo se encontrava também, disse-lhes que o soberano era bem feliz, consolou-os e leu-lhes uma carta que ele tinha escrito aos soldados, pela qual os exortava a conservar pelo seu sucessor o mesmo afeto que lhe haviam demonstrado. Leu depois seu testamento, o qual dizia que ele declarava Arquelau seu sucessor no reino, Antipas, tetrarca, e que deixava a Filipe, a Traconítida; ordenava que levassem seu anel a Augusto e deixava inteiramente a ele que tudo determinasse com sua plena autoridade; quanto ao restante, queria que seu testamento precedente fosse executado. Quando a leitura terminou, todos se puseram a exclamar: "Viva o rei Arquelau!" Os soldados e o povo prometeram servi-lo fielmente e desejaram-lhe um reinado feliz. (*Guerra dos Judeus* I, 21, 136)

Porém mais tarde todas as reivindicações feitas pelo povo foram rejeitadas pelo Imperador Augusto. O governo de Arquelau foi um dos mais brutais e acabou quando o mesmo tentou contrair um casamento proibido pela lei judaica. Augusto então agiu: exilou e destituiu Arquelau (BORGER, 1999, p. 192, 206-208).

Quando Arquelau entrou de posse da sua etnarquia, a lembrança e ressentimento pelas perturbações passadas fizeram que ele tratasse rudemente, não só os judeus, mas também os samaritanos. Uns e outros, não podendo tolerá-lo por mais tempo, mandaram no nono ano de seu governo alguns embaixadores a Augusto, para fazer-lhe queixas. Este, então, exilou-o para Viena, nas Gálias, e confiscou-lhe todos os bens. (*Guerra dos Judeus* II, 11, 150)

Após a destituição e isolamento de Arquelau, filho de Herodes I, a região da Judéia foi administrada diretamente por Roma através dos procuradores. Eles residiam em Cesárea onde também mantinham seu quartel general. Cesárea era habitada em sua maioria por povos helenizados. Este distanciamento geográfico, de certo modo adiou possíveis conflitos inevitáveis caso os mesmos residissem na Judéia. Os procuradores se deslocavam para o palácio de Herodes I, em Jerusalém, somente em festas e em datas religiosas, devido à agitação causada nessas festas pelo fluxo de peregrinos vindos de todas as partes. Em função disso, os procuradores sempre estavam acompanhados de forças militares (BORGER, 1999, p 192).

Diferentemente da Síria onde o comando era uma honraria para a elite do Senado romano, os procuradores mandados a Judéia se encontravam no mais baixo nível político. Em sua grande parte tinham como quase que única função recolher impostos para o império e se enriquecer rapidamente as custas dos judeus. Não tinham capacidade e nem mesmo desejo de compreender o povo que governava, os caracterizando como “bárbaros, retrógrados, perni-

ciosos e indóceis” (BORGER, 1999, p 193). A partir dessas informações é possível perceber forte imposição da política romana sobre a cultura dos povos judeus.

Os procuradores administraram a região a partir de 6 a.C. até o ano de 41 d.C.. Em ordem cronológica de administração, os procuradores romanos dessa época foram: Copônio (6-9 d.C.), Marco Ambibolo (9-12 d.C.), Rufo Tineo (12-15 d.C.), Valério Grato (15-26 d.C.), Pôncio Pilatos (26-36 d.C.), Marcelo (36-37 d.C.) e Marulo (37-41 d.C.). Assim como a procuradoria romana, os Imperadores que influenciaram diretamente nessa região foram: Augusto (27 a.C.-14 d.C.), Tibério (14-37 d.C.) e Caio Calígula (37-41 d.C.). Os judeus eram contra a administração dos procuradores romanos, pois eles não faziam questão de auxiliar o povo. Além da plena insatisfação com o Imperador Calígula que por diversas vezes tentava impor suas vontades passando por cima das crenças e representações religiosas do povo (BORGER, 199, p. 215).

O imperador Caio abusou de tal modo de sua boa sorte e deixou-se levar até o excesso do orgulho, chegando a se persuadir de que era deus e querendo que lhe dessem esse nome. Privou o Império, por sua crueldade, de um grande número de cidadãos, dos mais ilustres romanos e fez a judéia sofrer os efeitos de sua horrível impiedade. Mandou Petrônio a Jerusalém com um exército e uma ordem expressa de pôr suas estátuas no Templo, de matar todos os judeus que tivessem a ousadia de se opor a isso e de reduzir à escravidão o restante do povo. Poderia Deus suportar uma ordem tão abominável? (*Guerra dos Judeus* II, 17, 164)

O reinado de Calígula durou somente três anos e meio, finalizado após seu assassinato em 41 a.C.. Depois de muitos embates entre o senado romano e os soldados do império, foi acordado que o novo imperador seria Cláudio. Por fazer parte da ascensão de Cláudio ao cargo de Imperador, Agripa I, filho de Aristóbulo e neto de Herodes I, assumiu toda a região da Judéia que antes era de seu avô. Agripa soube cativar seus súditos, sempre intervindo em prol dos

mesmos. Agripa I morreu suspeitamente, quando estava fazendo uma visita a Cesárea. Seu filho Agripa II não pode sucedê-lo, pois era novo demais.

O rei Agripa era então muito mais poderoso e mais rico do que podia esperar e não empregou seus bens em coisas vãs, mas começou por cercar Jerusalém com uma muralha tão forte que, se a tivesse podido terminá-la, os romanos em vão teriam feito o cerco da cidade; mas ele morreu em Cesárea, antes de ter acabado tão grande obra. Reinou três anos como rei, pois nos outros três anos anteriores, fora apenas tetrarca. (*Guerra dos Judeus* II, 19, 168)

Por causa desse embargo político, em 44 d.C., o Imperador Cláudio achou conveniente que a Judéia voltasse a ser administrada diretamente por Roma através de procuradores. Em ordem cronológica de administração, os procuradores romanos dessa época foram: Cúspio Fado (44-46 d.C.), Tibério J. Alexandre (46-48 d.C.), Ventídio Cumano (48-52 d.C.) Porcio Festo (60-62 d.C.), Albino (62-64 d.C.) e Gêssio Floro (64-66 d.C.). Esses, por sua vez, marcaram suas administrações por incompetências, corrupções, intolerâncias e constantes conflitos contra o povo Judeu. O ultimo desses procuradores, Floro, foi também o pior. Sua má administração foi um dos fatores que levaram a revolta dos judeus contra os romanos (BORGER, 1999, p. 215).

Albino, sendo tal como eu acabo de dizer, ante o procedimento de Gessio Floro, que o sucedeu, podia passar, comparando-se com ele, por um homem de bem. Se aquele se escondia para fazer o mal, este vangloriava-se de fazer abertamente toda injustiça contra nossa nação.

Parecia que, em vez de ter vindo para governar uma província, ele tinha sido mandado como um algoz, para executar criminosos. Seus roubos não tinham limites, bem como outras violências; ele era cruel para com os aflitos e não se envergonhava das ações mais vis e infames; nenhum outro jamais traiu mais atrevidamente

a verdade, nem usou de meios mais sutis para fazer o mal. Era pouco para ele enriquecer à custa dos particulares; ele saqueava cidades inteiras, devastava toda a província e pouco faltou que ele não fizesse publicar a som de trombetas que permitia roubar, contanto que lhe dessem uma parte do roubo. (*Guerra dos Judeus* II, 24,185 e 186)

Havia ainda outros fatores relevantes que levou a revolta dos judeus contra o Império Romano: os conflitos entre judeus e Greco-sírios nas cidades onde os dois povos viviam conflitos esses que eram incentivados pelos procuradores, conflitos entre as elites judaicas e fiscais romanos que coletavam exageradas quantidades de impostos, interferência direta de Roma na nomeação dos sumo sacerdote, líderes da religião judaica, e o não fornecimento de segurança pela administração romana aos Judeus. Esses motivos políticos, sociais e econômicos eram acompanhados por inquietude espiritual dos judeus que lutavam e resistiam até o último momento, pois estavam certos de que a vitória viria por meio de uma intervenção divina (BORGER, 1999, p. 215).

Essas revoltas tomaram maiores proporções quando dois incidentes quase simultâneos aconteceram. O primeiro foi em Cesárea, quando judeus e Greco-sírios se envolveram em uma terrível batalha envolvendo direito civis. O segundo aconteceu em Jerusalém, quando Gêssio Floro oportunamente retirou a força 17 talentos de prata do cofre do Templo. Como uma forma de vingança os judeus circularam nas ruas de Jerusalém recipientes, semelhantes aos usados por mendigos, solicitando “esmolas para o pobre Gêssio Floro”. O revide do procurador custou à vida de 3.000 homens, mulheres e crianças. (BORGER, 1999, p.216).

Depois desses acontecimentos os judeus queriam a expulsão de Floro da região. Agripa II então discursou a favor de Roma, mas não da administração de Floro. Quanto ao procurador Floro, Agripa II discursou de forma crítica o procurador, com o intuito não somente de deslegitimar o procurador, mas também de inflamar as revoltas do povo judeu.

[...] Assim o rei Agripa julgou ter eliminado o motivo de se temer uma guerra e quis em seguida persuadir o povo a obedecer a Floro até que o imperador lhe tivesse dado um sucessor. Mas este irritou-se de tal modo, que o expulsou da cidade com palavras ofensivas e alguns dos mais exaltados levaram sua insolência a lhe atirar pedras. O príncipe, vendo que era impossível conter o furor daqueles rebeldes, retirou-se para seu reino, censurando-os pela maneira indigna como o tratavam, faltando ao respeito que lhe era devido; mandou depois pessoas ilustres procurar Floro em Cesaréia, a fim de que ele escolhesse os encarregados de cobrar o tributo em todo o país. (*Guerra dos Judeus II*, 29,197)

Era perceptível a o desgosto da administração de Floro, por esse motivo as revoltas se intensificaram em vários pontos da região da Judéia. Por isso, não sendo mais capazes de controlar as revoltas judias através do diálogo, os romanos resolveram usar a força bélica para tal.

OS GENERAIS ROMANOS E A HISTÓRIA DE FLÁVIO JOSEFO

Aqui vamos expor fatos que antecederam a invasão de Jerusalém e a destruição dos Segundo Templo. Em seguida será reafirmada a relevância da descrição da história segundo os relatos de Flávio Josefo, além de sua própria história. E antes mesmo de detalharmos os acontecimentos da invasão e destruição, será analisando a posição de Tito e dos soldados romanos.

Ainda no governo de Cláudio as revoltas contra o império romano se intensificaram e se estenderam até seu sucessor Nero. Em contato diretamente com o governo da Síria, Nero solicita a Céstio Galo, governador da região, que o ajude na contenção das revoltas. Céstio entra com um grande exército romano na Judéia, onde destrói várias praças e faz grandes devastações, mas tendo-se aproximado de Jerusalém, os judeus atacam-no tão ferozmente que os obrigam a se retirar (*Guerra dos Judeus* II, 37).

O rei Agripa II tenta através do dialogo convencer alguns judeus revoltosos que o império romano não é seu inimigo e envia alguns generais para dialogar com os revoltosos.

O rei Agripa vendo que aquela incrível multidão de judeus, que ocupava todas as montanhas e as colinas, fazia os romanos correrem grave perigo, resolveu tentar trazê-los pela doçura à obediência, na esperança de que, se conseguisse o seu intento, faria também terminar a guerra; ou, se não pudesse persuadi-los a todos, pelo menos conquistaria uma parte deles. Mandou-lhes para isso Borceu e Febo, dois dos seus generais, que lhes eram muito conhecidos, com o encargo de lhes prometer em nome de Céstio, um inteiro esquecimento do passado, se eles deixassem as armas e voltassem ao dever. Os mais exaltados, temendo que a esperança de viver em paz, sem nada temer, levasse o povo a seguir esse conselho do príncipe, resolveram matar os enviados. Assim, sem lhes dar oportunidade de falar, mataram Febo, e Borceu salvou-se muito ferido. O povo reprovou de tal maneira essa má ação, que obrigou os

revoltosos, a pedradas e a cacetadas, a fugirem da cidade. (*Guerra dos Judeus* II, 38, 219)

Céstio sitia o templo de Jerusalém e o teria tomado se não tivesse imprudentemente levantado o cerco.

[...] No sexto dia, Céstio, com um grande número de tropas escolhidas e de soldados que atiravam flechas, atacou o Templo do lado do norte; os judeus lançaram-lhes dardos do alto dos pórticos e os obrigaram diversas vezes a recuar. Mas, por fim, os da primeira linha dos romanos, cobriram-se com os escudos, apoiando-os contra os muros; os que os seguiam uniram também os escudos a estes, e assim os outros fizeram em fila a mesma coisa e formaram aquela espécie de couraça a que dão o nome de tartaruga; pondo-se a salvo dos dardos e das flechas dos judeus, trabalharam com segurança para derribar o muro e incendiar as portas do Templo. Os sediciosos ficaram tão assustados que, se julgando perdidos, vários fugiram para fora da cidade; mas o povo, ao contrário, sentiu alegria e só pensava em abrir as portas a Céstio, que consideravam como seu benfeitor, porque lhes dava os meios de se libertar da tirania daqueles revoltosos. Assim, se esse general tivesse continuado o cerco, teria logo se apoderado da cidade; mas Deus, irritado contra aqueles malvados, não permitiu que a guerra acabasse logo. (*Guerra dos Judeus* II, 39, 220)

Os judeus nomeiam chefes para o comando da guerra que faziam contra os romanos, dentre os quais estava Josefo, autor da fonte primária desse estudo, ao qual eles dão o governo da Alta e da Baixa Galiléia. A obra descreve que Josefo obteve grande disciplina e excelentes, porém como nesse caso é o autor falando de si mesmo, é preciso analisar com cautela para não tomar o conteúdo exposto como verdade absoluta, principalmente por se tratar de um auto-elogio (*Guerra dos Judeus* II, 37).

Nero com medo de que acontecesse com o império o que aconteceu com o governador da Síria, que foi derrotado por rebeldes judeus, envia Flávio

Vespasiano, o mais famoso general romano, marchar contra a Judéia com ordens de mobilizar um exercito de 60 mil homens.

Depois de ter refletido muito, achou que somente Vespasiano seria capaz de sustentar o peso de tão grande empreendimento. Sua vida, desde a juventude até à velhice, tinha-se passado na guerra. O império devia ao seu valor a paz de que gozava no Ocidente, que se vira abalado pela revolta dos alemães, e seus trabalhos tinham dado ao imperador Cláudio, sem esforço algum, sem ter derramado uma gota sequer de sangue, a glória de triunfar contra a Inglaterra, que não se podia dizer, até então, ter sido verdadeiramente dominada. Dessa forma, Nero, considerando a idade, a experiência e a coragem desse grande general e que ele tinha filhos que eram como reféns de sua fidelidade, os quais no vigor da juventude podiam servir como de braços à prudência de seu pai, além de que talvez, Deus assim o permitia para o bem do império, [...] (*Guerra dos Judeus* III, 1, 234)

O General Tito Flávio Sabino Vespasiano, com o apoio da Síria, junta todos os soldados para começar a contenção das revoltas dos judeus. O exercito marcha em direção a região da Galileia, e no caminho trava batalhas com os grupos de revoltosos espalhados pela região. Chegam até Josefo os rumores do poder do exercito romano, o que o faz enviar mensagens de alerta para as regiões onde ele comandava as revoltas e também para Jerusalém. Em 66 d.C., Josef bem Matatiahui comandou operações contra os romanos na cidade de Jotapate, nas montanhas da região da Galileia (*Guerra dos Judeus* III).

Como Vespasiano sabia que Jotapate era a praça mais forte da Galiléia e que um grande número de judeus ali se havia refugiado, resolveu atacá-la e destruí-la; mas lá não se podia ir senão pelas montanhas porque as estradas eram muito difíceis, ásperas e pedregosas; quase impraticáveis para a cavalaria e muito difíceis para a infantaria. Ele mandou então um corpo de tropas, com

um grande número de exploradores e operários, que em quatro dias puseram-na em condições de permitir que todo o exército por ali pudesse passar sem dificuldade. (*Guerra dos Judeus* III, 11, 248)

Na tentativa de invadir a cidade Vespasiano manda preparar uma grande plataforma como um terraço, para de lá atacar a cidade. Porém houve esforços dos judeus para retardar esse trabalho que provavelmente os mataria. Josefo manda erguer um muro mais alto que o terraço dos Romanos para dificultar a invasão, porém os sitiados sentem falta de água e comida. Josefo, não tendo mais esperança de salvar Jotapate, quer fugir, mas o desespero dos habitantes faz com que ele fique. Os romanos então derrubam os muros da cidade com grandes máquinas chamadas de aríetes, porém os judeus incendiam essas máquinas e os trabalhos dos romanos. Depois disso Vespasiano é atingido por uma flechada, deixando os romanos irritados por vê-lo ferido, e por isso dão um furioso contra-ataque. Josefo se salva e se escondendo em uma caverna, onde encontra quarenta refugiados da invasão a Jotapate. Porém uma mulher denuncia o cativeiro dos sobreviventes obrigando Josefo a se entregar (*Guerra dos Judeus* III, 11-24).

Vespasiano mandou Paulino e Calicano, dois tribunos, garantir-lhe que o trataria bem, exortando-o a sair; ele não quis fazê-lo, porque, não estando persuadido da clemência dos romanos, e sabendo do seu ressentimento, pelo mal que lhes havia feito, temia que quando o tivessem em seu poder, procurassem vingarse. Vespasiano mandou-lhe outro tribuno, de nome Nicanor, muito conhecido de Josefo, que lhe falou da generosidade dos romanos para com os vencidos; que sua virtude, em vez de ter granjeado o ódio de seus generais, lhes havia causado admiração; que eles estavam tão longe de querer torturá-lo como o poderiam fazer, se quisessem, sem que para isso fosse preciso que ele se entregasse, que só pensavam, ao invés, em conservá-lo pelos seus méritos; e se Vespasiano tivesse tido algum mau desígnio, não teria escolhido um de seus amigos para mandar-lho, como ministro de uma perfídia,

com o pretexto de amizade; mas, quando mesmo lho tivesse ordenado, ele desobedeceria, antes que executar uma ordem tão indigna de um homem honrado. Estas palavras, embora tão claras, não conseguiram, porém, persuadir de todo a Josefo, e os soldados romanos, irritados com tal resistência, quiseram incendiar a caverna; mas Vespasiano os conteve, porque o queria vivo em suas mãos. No entanto, Nicanor insistia cada vez mais e as ameaças dos soldados aumentavam sempre, porque seu número também aumentava. Josefo então lembrou-se dos sonhos que tivera, nos quais Deus lhe fizera ver as desgraças que sucederiam aos judeus e os felizes resultados obtidos pelos romanos, pois ele sabia explicar os sonhos e ver a verdade mesmo no meio das trevas, a qual Deus muitas vezes se compraz em esconder e como ele era sacerdote, também conhecia as profecias que estão nos livros santos. Como se, naquele momento, estivesse cheio do Espírito de Deus, tudo o que Ele lhe havia feito ver nos sonhos, pareceu renovar-se, e ele dirigiu-lhe esta oração: "Grande Deus, Criador do universo, pois que resolvestes terminar a prosperidade dos judeus, para aumentar a dos romanos e me escolheste para lhes predizer o que está para acontecer, eu me submeto à vossa vontade, entrego-me aos romanos e consinto em continuar a viver. Mas protesto diante de vossa eterna majestade que, como um vosso ministro e não como um traidor, eu me entrego a eles." (*Guerra dos Judeus* III, 24, 266)

Se rendendo ao general Vespasiano, Josef bem Matatiahú é enviado Roma e recebe a cidadania romana, juntamente com seu novo nome, *Flavius Josephus* (Flávio Josefo). Justamente por se tornar um cidadão romano e iniciar seu apoio ao império e ao exército do general Vespasiano, é preciso ter cuidado ao analisar os textos deixados por Josefo, por possuir caráter tendencioso quando se tratam de elogios e exaltações aos romanos perante os discursos dos judeus.

DESCRIÇÃO DE COMO SUCEDEU A DESTRUIÇÃO

O exercito de Vespasiano seguiu em direção a Jerusalém contendo todas as revoltas no caminho. Essas batalhas acabavam expulsando os revoltosos perdedores da região onde habitavam. Eles se refugavam na cidade de Jerusalém, pois o local tinha fortificações bélicas que dificultariam a invasão dos romanos. Esse acumulo de pessoas com crenças religiosas e políticas diferentes em um só lugar fez com que se iniciasse conflitos entre os próprios judeus. Algo que mais a frente será um dos principais motivos para o enfraquecimento da resistência.

Vespasiano marcha em direção a Jerusalém querendo atacá-la por todos os lados. Ele então mandou construir fortes em Jerico e Abida, misturadas com tropas romanas e auxiliares, e enviou um corpo de cavalaria e de infantaria. A elite fugiu, por isso só morriam os que não tinham nem a força nem os meios para escapar, em sua maioria os pobres. Os romanos incendiaram todos os lugares de que se apoderavam. Os montes e as planícies estavam destruídos por essa guerra e os que estavam refugiados em Jerusalém eram obrigados a permanecerem enclausurados, porque os zelotes não deixavam sair os judeus que queriam se entregar a Vespasiano. Os que eram contra os romanos, vendo que toda a cidade estava cercada pelas tropas romanas, não ousavam arriscar se renderem (Guerra dos Judeus IV, 28, 341).

O cerco a Jerusalém estava a postos, pronto para a grande invasão. Vespasiano então voltou para Cesárea antes da invasão quando foi surpreendido pela noticia da morte do Imperador Nero depois de ter governado 13 anos e 8 dias. Depois de sua morte outros romanos sucederam o cargo de imperado começando por Galba que foi assassinado, depois Otom que em uma batalha contra Vitélio perdeu não somente o comando do império mas também a própria vida. Incomodado com os conflitos da disputa pelo império, Vespasiano suspende temporariamente o cerco a Jerusalém. Seus soldados percebem sua inquietação e o declara o novo imperador.

Tais as palavras dos soldados: a princípio, apenas entre eles, em pequenos grupos, mas seu número crescia sempre e fortalecia-se o sentimento até que declararam Vespasiano imperador e pediram-lhe que aceitasse aquela dignidade para salvar o império do perigo que o ameaçava. Havia já muito tempo que aquele grande homem dirigia seus cuidados a tudo o que se referia ao bem público, mas embora ele não pudesse não se julgar digno de reinar, não tinha aquela ambição, porque preferia a segurança de uma condição particular, aos perigos inerentes àquele supremo cargo, que expõe os homens aos acidentes da fortuna. Assim, ele recusou a honra oferecida. Mas em vez de essa recusa amortecer o entusiasmo de seus chefes e soldados, eles insistiram ainda mais para que aceitasse e chegaram mesmo a puxar de suas espadas, ameaçando matá-lo, se ele se recusasse a ser o senhor do mundo. No entanto, ele continuou a resistir; vendo que não os podia persuadir, foi por fim obrigado a ceder às suas instâncias tão fortes e que lhe eram tão gloriosas. (*Guerra dos Judeus* IV, 36, 359)

Para legitimar seu poder Vespasiano começa dominando os territórios de Alexandria e do Egito, que Tibério Alexandre era governador. Vespasiano organiza seu exercito em Alexandria se preparando para durante a primavera ir à Itália, e manda Tito à Judéia para tomar e destruir Jerusalém (*Guerra dos Judeus* IV, 42, 373 e 374).

Tito reúne em Cesárea suas tropas, para marchar contra Jerusalém. Enquanto isso, os refugiados na cidade, estão se dissipando. O partido de João de Giscala se divide em dois, e Eleazar acaba por chefiar esse novo grupo, que ocupa a parte superior do templo. Simão por outro lado, era ocupava e chefiava os revoltosos da cidade. Assim, de acordo com Josefo, em Jerusalém três partidos que se conflitavam mutuamente. Vendo todos esses conflitos, Josefo então relata:

Cidade infeliz, que sofreste de semelhante, depois que os romanos, entrando pela brecha, reduziram-te a cinzas, para purificar com o fogo, tantas abominações e crimes que atraíram sobre ti os raios da vingança de

Deus? Poderias continuar a ser o lugar adorável, onde ele tinha estabelecido sua morada e ficar impune, depois de ter pela mais sangrenta e cruel guerra civil, como nunca se viu, feito de seu Templo, o sepulcro de teus concidadãos? Não desesperes, porém, em acalmar sua cólera, contanto que teu arrependimento iguale a enormidade de tuas ofensas. Mas devo conter meus sentimentos, pois que a lei da história em vez de me permitir deter-me para chorar minhas desgraças, obriga-me a apresentar a sequência dos tristes efeitos de nossas funestas divisões. (*Guerra dos Judeus* V, 2, 377)

Josefo estava desacreditado de seu povo por conta da guerra civil que se instaurava dentro das muralhas da cidade de Jerusalém. Não se pode esquecer também que Flavio Josefo, após sua cidadania romana, passou a apoiar os generais romanos e a criticar a posição de resistência dos judeus.

Esses três partidos opostos agiam uns contra os outros em Jerusalém. Em um desses conflitos eles acabaram por incendiar uma incrível quantidade de trigo quejoi. Josefo defende a idéia de que se eles não tivessem feito essa atrocidade, provavelmente teriam impedido a carestia e escassez de alimento sustentando a fome da resistência.

Esses três partidos opostos agiam uns contra os outros em Jerusalém, desta maneira: Eleazar e os seus, que tinham a custódia das primícias e das oblações santas, estando o mais das vezes embriagados, tacavam João. João fazia incursões contra Simão e contra o povo que o ajudava com víveres, contra ele e contra Eleazar. E se acontecia de ser atacado ao mesmo tempo por Eleazar e por Simão ele dividia suas forças, repelia a golpes de dardos de cima dos pórticos do Templo, os que vinham do lado da cidade e voltava suas máquinas contra os que lhe lançavam dardos dos lugares mais elevados do Templo; quando, porém, Eleazar os deixava em sossego, como acontecia freqüentemente, por cansaço ou porque se entregavam à bebedeira, ele fazia muitas outras incursões contra Simão. Quando obrigavam os seus a fugir, ele incendiava as casas, onde podia entrar embora estivessem cheias de trigo e de outras provisões, e logo que se retirava, Simão, por sua vez, o perseguia. Assim eles destruíam o que havia sido preparado para se

sustentar um assédio e que era como o nervo da guerra que lhes iria pesar sobre os ombros, como se estivessem conspirando em favor dos romanos, aos quais tornariam mais fácil apoderar-se daquela importante praça.

Para maior desgraça ainda tudo o que estava nas imediações do Templo foi queimado, com exceção de uma pequeníssima parte do trigo que tinha sido ajuntado, em tão grande quantidade, que teria sido suficiente para se sustentar o cerco durante vários anos e impedir a carestia que foi por fim, causa da queda da cidade. O mesmo incêndio reduziu a cinzas o que estava entre João e Simão, e o que se poderiam considerar como dois campos opostos tornou-se em um campo de batalha, sendo nossa pátria forçada a dar a culpa de tudo ao furor de seus filhos desnaturados, que eram a causa de sua ruína. (*Guerra dos Judeus* V, 3, 378 e 379)

Então Tito, na tentativa de assustar os judeus, manda desfilar na frente do Templo todo o exército romano. Após a exibição de seu poder bélico, Tito organiza dois ataques contra o muro e manda ao mesmo tempo Josefo, a conversar com os rebeldes e lhes pedir a paz.

Depois desta ordem, Josefo escolheu um lugar apropriado, bem alto, fora do alcance dos dardos, de onde os judeus pudessem ouvi-lo. Exortou-os, então, a ter compaixão de si mesmos, do povo, do Templo e de sua pátria. Disse-lhes que era estranho que eles fossem mais obstinados consigo mesmos do que os estrangeiros; que os romanos, sendo tão religiosos, que respeitam mesmo entre os inimigos as coisas tidas como santas, com quanto mais forte razão aqueles que tinham sido instruídos, desde sua infância a respeitá-las, deviam empregar todas as suas forças em cuidar de sua conservação e não trabalhar para sua ruína. (*Guerra dos Judeus* V, 26, 416)

Em vários momentos durante o conflito Josefo tenta mediar a situação a mando de Tito. Porém todos esses discursos foram em vão, já que a rendição dos judeus não era uma opção para os mesmo. Várias pessoas da nobreza que estavam refugiadas no Templo, comovidas pelas palavras de Josefo, fogem de Jerusalém a fim de se refugiarem junto a Tito, que os recebe

favoravelmente, segundo Josefo. Com a destruição do muro oriental e dos alicerces da Fortaleza Antonia, a maioria os revoltosos estão refugiados dentro do Templo. Tito então dá a ordem para atacar o corpo de guarda dos judeus que defendiam o Templo.

Os romanos não encontraram os inimigos adormecidos, como imaginavam; os do primeiro corpo de guarda vieram imediatamente combater contra eles, soltando gritos, e os outros despertaram ante esse ruído e acorreram em grande número. Os romanos resistiram corajosamente ao primeiro ímpeto dos inimigos; os que vinham depois atacavam indiferentemente a amigos e inimigos, porque a escuridão da noite, o rumor confuso de tantas vozes, a animosidade, o furor, o temor tinham confundido todas as coisas, mas tão estranha confusão era menos prejudicial aos romanos que aos judeus, porque eles combatiam em grupos, apertados uns contra os outros, cobertos com seus escudos e se serviam, para se reconhecer, [...] Os judeus estavam animados pela gravidade do perigo em que se encontravam, pelo temor de ver destruir o Templo e pela presença de João que exortava a uns e feria a outros, ameaçando-os se não combatessem com valor. [...] (*Guerra dos Judeus* VI, 13, 448)

Os romanos incendiaram as portas do Templo que destruiu a madeira e derreteu as lâminas de prata que as cobriam criando uma espécie de fundição, solda. O fogo também chegou até às galerias deixando os judeus sem ação por se verem no meio das chamas, que perderam a coragem e a vontade de lutar. Nenhum deles impedir os romanos ou apagar o fogo, para eles o Templo já tinha sido reduzido a cinzas. A ira deles era tamanha, que em vez de se entristecer e de procurar impedir que o fogo se espalhasse, eles simplesmente se contentaram em amaldiçoar os romanos. O incêndio continuou durante o restante do dia e a noite seguinte. O fogo não se espalhou e foi contido quando chegou às galerias. Por isso Tito reuniu um conselho para decidir qual destino daria ao Templo (*Guerra dos Judeus* VI, 22-24).

No dia seguinte, Tito ordenou que se apagasse o fogo e se aplainasse um caminho ao longo dos pórticos a fim de que o exército pudesse avançar mais facilmente. Reuniu em seguida os principais chefes, isto é, Tibério Alexandre, seu lugar-tenente geral, Sexto Cerealis, que comandava a quinta legião, Largio Lépidio, que comandava a décima, Tito Frígio, que comandava a décima quinta, Eternio Fronto que comandava as duas legiões vindas de Alexandria e Marco Antônio Júlio, governador da judéia, além de alguns outros, para deliberarem sobre a resolução que deviam tomar com relação ao Templo. Uns, foram de opinião de se usar do poder que lhes dava o direito da guerra, porque enquanto ele subsistisse, os judeus que ali se reuniram de todas as partes da terra, sempre se haveriam de revoltar. Outros disseram, que se os judeus o abandonassem, sem querer mais defendê-lo, julgavam que então poderia ser conservado. No entanto, se continuassem a fazer guerra, seria preciso incendiá-lo, porque não deveria mais ser considerado como um Templo, mas como uma fortaleza e seria aos judeus somente que se deveria atribuir a ruína do mesmo, porque lhe tinham sido a causa. Depois de terem assim opinado, Tito disse que ainda que os judeus se servissem do Templo como de uma praça de guerra, para continuar na sua revolta, não era justo vingar-se em coisas inanimadas, pelas faltas cometidas pelos homens, reduzindo a cinzas uma obra cuja conservação seria tão grande ornamento para o império. Ninguém mais então pôde duvidar de seus sentimentos; Alexandre, Cerealis e Fronto foram da mesma opinião; dissolveu-se o conselho e o príncipe ordenou que se desse descanso às tropas, para pô-las em condições de dar um assalto mais forte ainda, quando fosse necessário. Ordenou em seguida a algumas coortes que apagassem o fogo e fizessem uma estrada, pelo meio das ruínas. Os judeus, cansados e esgotados por tantas fadigas, nada mais empreenderam naquele dia. (*Guerra dos Judeus* VI, 25, 463)

Tito se dirige até a torre Antônia planejando atacar no dia seguinte pela manhã, dez de Agosto, o Templo, usando todo o exército romano. Segundo Josefo YHWH tinha há tanto tempo, condenado aquele lugar santo a ser incendiado e destruído depois de muitos anos, como no passado, no mesmo

dia, foi destruído por Nabucodonosor, rei de Babilônia (*Guerra dos Judeus* VI, 26, 465).

Os revoltosos judeus não descansaram e deram outro ataque contra os romanos que apagavam o fogo por ordem de Tito. Os romanos contra atacaram e os perseguiram até o Templo. Os judeus foram perseguidos por esses soldados, quando um deles atira fogo contra o Templo conforme relato:

Um soldado, então, sem para isso ter recebido ordem alguma, e sem temer cometer um horrível sacrilégio, mas, como levado por inspiração divina, fez-se levantar por um companheiro e atirou pela janela de ouro um pedaço de madeira aceso no lugar pelo qual se ia aos edifícios, ao redor do Templo do lado do norte. O fogo ateou-se imediatamente; em tão grande desgraça, os judeus lançavam gritos espantosos. Corriam procurando apagá-lo e nada mais os obrigava a poupar suas vidas, quando viam desaparecer diante de seus olhos aquele Templo que os levava a poupá-las pelo desejo de conservá-lo. (*Guerra dos Judeus* VI, 26, 466)

O incêndio aconteceu no segundo ano do reinado de Vespasiano, mil cento e trinta anos, sete meses e quinze dias depois que o rei Salomão o havia construído pela primeira vez; seiscentos e trinta e nove anos, quarenta e cinco dias depois que Zorobabel o reconstruiu, no segundo ano do reinado de Ciro. Quando o fogo devorava o Templo, os soldados furiosos saqueavam e matavam todos os que encontravam. Não perdoavam nem à idade, nem à condição. Durante a queima do templo os romanos continuaram a invadir o restante da cidade e mataram milhares de judeus (*Guerra dos Judeus* VI, 27, 470).

Os velhos e as crianças, os sacerdotes e os leigos, eram todos passados a fio de espada; todos eram envolvidos nessa matança geral e os que recorriam aos rogos não eram tratados com mais clemência do que os que tinham a coragem de se defender até o fim; o gemido dos moribundos misturava-se com o barulho do crepitar das chamas, que avançavam sempre e o incêndio de tão grande edifício, situado num lugar elevado, fazia, aos que

o contemplavam de longe, pensar que toda a cidade estava sendo devorada pelas chamas. (*Guerra dos Judeus* VI, 28, 471)

CONCLUSÃO

É possível concluir que a representação do Segundo Templo para os judeus permeia quase toda a sua história. É preciso compreender que o Templo judeu representava a ligação do povo com o próprio Deus (YHWH). E por isso a destruição do Templo não é somente física, mas representativa, pois junto com ela é destruída também essa ligação.

A relação dos judeus com outros povos era sempre de conflitos religiosos durante toda a sua história. Os judeus eram mal vistos pelos romanos devido a essas práticas religiosas e costumes, o que contribuiu para os conflitos entre eles. Com o passar do tempo, esses inevitáveis conflitos foram se agravando diante das revoltas dos judeus contra a administração dos procuradores romanos. Essas revoltas desencadearam, juntamente com outros fatores, para posteriormente a destruição da cidade de Jerusalém e a queda do Segundo Templo.

Outro fator que influenciou fortemente a derrota dos judeus foram os conflitos entre seu próprio povo. Havia diferentes vertentes de crenças religiosas e políticas o que tornava os judeus um povo heterogêneo o que causou uma guerra civil e gerou uma maior desunião do povo judeu que enfraqueceu a resistência contra os romanos.

Percebe-se que, segundo Josefo, a destruição do Templo não foi ordenada por Tito e que o mesmo queria preservá-lo. Deve-se, porém, levar em consideração que Flávio Josefo foi um judeu que acabara de receber cidadania romana e decidiu escrever sobre o que acontecia, e por isso seu discurso não deve ser tão imparcial quanto ele diz ser, pois o mesmo sofreu muita influência por parte dos romanos e para poder agradá-los tornou seu discurso enaltecendo a fim de mostrar uma boa impressão sobre os romanos.

Diante de todo o contexto apresentado pode-se, por fim, perceber que os motivos que levaram os soldados romanos a destruírem o Segundo Templo, de acordo com Josefo, foram o ódio gratuito aos judeus e o impulso gerado pela guerra. Porém, como dito acima não se pode tomar esse discurso como verdade devido às influências romanas sobre Josefo, que até em seu nome

sofreu influencia ao ser trocado por Flavio Josefo, dado devido a dinastia Flaviana.

BIBLIOGRAFIA

Documentação primária:

JOSEFO, Flávio. *Antiguidades judaicas*. In: JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Trad. Vicente Pedroso. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléia de Deus, 1992.

JOSEFO, Flávio. *Guerra dos judeus*. In: JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Trad. Vicente Pedroso. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléia de Deus, 1992.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

Talmud. São Paulo, Iluminuras, 1992.

Biografia instrumental:

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estud. av. , São Paulo, v. 5, n. 11, 1991.

Obras de apoio:

BORGER, Hans. *Uma história do povo judeu: de Canaã a Espanha*. São Paulo: Sêfer, 1999. p. 185-227.

CANDIDO, Maria Regina; LIMA, Junio Cesar Rodrigues. *Práticas religiosas no mediterrâneo antigo: religião, Rito e Mito*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010. p. 49-65.

HORSLEY, Richard A. *Jesus e o Império: o reino de Deus e a nova desordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004.

JOHNSON, P. *História dos judeus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995

NEUSNER, Jacob. *The Mishnah: Religious Perspectives*. Boston: Brill Academic Publishers, 2002.

PANNEY, Edward. *Angústia dos judeus*. São Paulo: Ibero, 1968.

ROCHA, Ivan Esperança. *Dominadores e dominados na Palestina do século I*. São Paulo, 2004. P 239-258.

SILVA, Gilvan Ventura Da. Desvio Social, Exclusão e Estigmatização: notas para o Estudo da "História dos Marginais". *Dimensões*: 22 ed. Vitória: Edufes, 2009. p. 13-50.

SIMON, Maciel; BENOIT, André. *Judaísmo e cristianismo antigo*: de Antíoco Epifânio a Constantino. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 57-80.

SOARES, Caroline da Silva. *O conflito entre o paganismo, o judaísmo e o cristianismo no principado*: um estudo a partir do *Contra Celso*, de Orígenes. Vitória: EDUFES, 2015. p. 44-75.